

Texto 3

Braille, a Figura Humana

Texto e traduções por **Jonir Bechara Cerqueira**

Merecedor de todas as honras a ele tributadas por cerca de um século e meio, a personalidade do professor francês Louis Braille permanece ainda pouco conhecida, possivelmente pela própria grandeza do seu legado.

Poucas pessoas sabem, por exemplo, que a abreugrafia, método especial para a detecção precoce da tuberculose e do câncer pulmonares, foi criada por Manuel de Abreu (1894-1962), médico brasileiro.

Se admitirmos que, em casos semelhantes, o nome emprestado à obra eclipsa o criador, o Sistema Braille teria eclipsado a figura do professor Louis Braille.

Louis Braille quase nada escreveu sobre si. Seus relacionamentos mais frequentes transcorriam no Instituto de Paris e no seio familiar. Mantinha atitudes discretas e reservadas. Seu invento enfrentou resistências dentro da própria escola e o reconhecimento final só foi alcançado após sua morte prematura aos 43 anos.

A homenagem, ora prestada ao bicentenário de seu nascimento, teria de valorizar o lado pessoal deste personagem histórico, um benfeitor da humanidade.

Em trabalho criterioso de pesquisa nas fontes dignas de crédito, foram recolhidos depoimentos e pareceres sobre o homem, produzidos e publicados, principalmente, por pessoas que com ele conviveram em relacionamento particular ou profissional.

Sua aparência física, interesses, formas de agir, religiosidade, espírito de solidariedade e outros aspectos de sua personalidade são a matéria essencial dos textos que seguem.

Hippolyte Coltat

Foi aluno, repetidor e professor do Instituto de Paris. Colega e amigo de Louis Braille acompanhou-o até o fim da vida. Escreveu um trabalho intitulado *Notice Biographique sur Louis Braille*, 1853, cujos textos são reproduzidos em diversificadas publicações por outros biógrafos de Braille, como os que seguem:

Um ar inteligente, uma figura que iluminava, por vezes um agradável sorriso mas que, jamais turvava uma divertida alegria. Sua originalidade era de não parecer original. Sua estatura era mediana, talhe esguio, e delgado. Tinha modos acessíveis e desembaraçados. Tinha vivacidade nos movimentos, seu andar era seguro e cheio de destreza. Sua cabeça permanecia ligeiramente inclinada para a frente. Seus cabelos louros se encrespavam naturalmente. Suas feições eram regulares. A tez pálida denunciava uma saúde frágil. Conservara o sorriso da juventude, que os trabalhos, a doença e mesmo a morte não puderam fazê-lo perder.

Ainda palavras de Coltat, reproduzidas em *La Vie et L'Oeuvre de Louis Braille*, Pierre Henri, 1952:

Para ele, a amizade era um dever de consciência, ao mesmo tempo que um afetuoso sentimento, e a ela havia sacrificado tudo: seu tempo, sua saúde, seus recursos financeiros... Mais de uma vez o provou. Um de seus melhores alunos que acabava de sair da Instituição e não possuía o suficiente para sobreviver, recebeu dele o posto que vinha ocupando como organista de uma paróquia de Paris.

Queria que sua amizade fosse proveitosa para aqueles com quem se relacionava; se preocupava com sua conduta e isto lhe inspirava a dar consistentes e saudáveis conselhos. Quando se devia dizer alguma coisa de importância para alguém, mas cujo enunciado era desagradável e os demais mostravam contrariedade e repulsa em cumprir a difícil missão, então dizia sorrindo: “Bem! eu me sacrificarei”. Como, frequentemente, era ele quem cumpria essa delicada missão, esta frase se tornou familiar entre nós e seus amigos o chamavam prazerosamente de “O Censor”.

Seu espírito observador não se revelava na conversação habitual, pois tomava todo o cuidado para que não escapasse nada que pudesse desagradar ou contrariar. Sabia manter o diálogo de forma interessante e variada. Foi dito que Labryère havia conseguido libertar-se de uma das maiores dificuldades do estilo: as mudanças. Louis Braille possuía, naturalmente, este talento e, ainda mais, o cultivava. Suas conversas passavam insensivelmente da brincadeira ao sério, da brandura ao rigor. Possuidor de um espírito muito prático, não deixava, por isso, de fazer das suas, sempre de bom gosto, deixando transparecer, de quando em quando, passagens encantadoras e até se permitia, por vezes, enunciar um ou outro episódio picante. Entre suas frases, não faltavam as que se difundiam entre os amigos, passando logo de boca em boca, com o prestígio e as honras de provérbios.

Sua palavra e o tom de sua voz carregavam sempre certa marca de delicadeza que representava bem sua fisionomia, na qual não era fácil discernir entre os pensamentos e as impressões, pois sabia guardá-los em seu interior por um esforço constante do caráter e da vontade. Quando resolvia executar algo, o fazia, quer lhe fosse ou não agradável.

A sensatez de seu espírito, a exatidão de raciocínio, bem como a sagacidade de sua inteligência lhe permitiam prever as conexões e as consequências dos acontecimentos e, assim, entre as pessoas de mais confiança, eram poucas as que não o tomavam como conselheiro e que, depois, não se alegrassem muito de haver considerado o que ele prudentemente lhes dissera.

Por todas essas razões, sempre era convidado a fazer parte dos conselhos das associações que se fundavam em benefício dos cegos, onde sempre contribuiu de forma muito inteligente.

Não se limitava à influência benéfica de suas palavras, mas unia a elas a ação e a entrega. Gostava de servir e socorrer, aliviando no que pudesse, o sofrimento dos infelizes. Quando fazia o bem, demonstrava tanta simplicidade e delicadeza, que se ocultava, digamo-lo assim, para que o beneficiado não visse a mão do benfeitor. Sabia que não bastava dar, mas que é mister fazê-lo com esse espírito de caridade cristã que respeita antes de tudo a dignidade da alma humana na pessoa do pobre. A profunda fé que o animava, o inclinava à nobreza de sentimentos e, como dizemos, a religião que havia sempre cultivado com tanta assiduidade e convicção, lhe permitia contemplar a proximidade da morte senão sem comoção, pelo menos, sem medo.

François-René Pignier

Foi diretor do Instituto, de 1821 a 1840. Quando, em 1831, René-Simon sentiu a proximidade da morte, escreveu-lhe pedindo que cuidasse de seu filho Louis, repentinamente na Instituição. Entre ambos, houve um relacionamento verdadeiramente amistoso. Presenciou os últimos momentos de Braille. Conheceu-o aos 12 anos. Publicou: *Notice Biographique sur trois Professeurs, Anciens Élèves de l'Institution des Jeunes Aveugles*, (biografia de três ex-alunos), 1860, cujos textos são habitualmente reproduzidos por autores consagrados.

Pudemos notar nele uma certa gravidade infantil que bem se coadunava com a figura de seus traços e com o ar espiritual e meigo de sua fisionomia. Ao crescer, conservou sempre, e até o fim, aquela mesma expressão de serenidade, de delicadeza e de doçura benevolente; na conversação, porém, seus traços se animavam frequentemente, assumindo, por vezes, um ar de vivacidade sempre espiritual que contrastava com a calma habitual do seu rosto.

Dotado de grande facilidade, de inteligência viva e, sobretudo, de notável retidão de espírito, logo se revelou, por seu adiantamento e sucesso nos estudos. Suas composições literárias ou científicas encerravam apenas pensamentos exatos; distinguiam-se por grande nitidez de idéias, expressas em estilo claro e correto. Havia imaginação; esta, porém, era sempre orientada pelo senso. (Textos publicados em *La Vie et L'Oeuvre de Louis Braille*, de Pierre Henri, 1952).

Em *Louis Braille, the Man behind the Name*, Noëlle Roy, 2008, encontram-se as seguintes afirmações de Pignier:

(...) ele não demonstrava seus sentimentos; por natureza, era avesso a qualquer coisa que pudesse parecer exagero.

Como regra geral, suas maneiras eram polidas, afáveis e atraentes; sua inteligência excelente e divertida; a conversação espirituosa e as palavras sempre moderadas e razoáveis.

Sem dúvida, ele reconhecia seu talento mas, mesmo assim, permaneceu sempre modesto.

Monsieur Guenard

Viveu muito próximo a Louis Braille. Conheceu o Instituto e, frequentemente, serviu de guia a Louis. Em *Louis Braille et son Oeuvre*, Associação Valentin Haüy, 1917, encontram-se suas palavras, autêntico testemunho:

Louis Braille que era, no Instituto, uma pessoa destacada, se fazia amar e apreciar por todos por sua brandura e bondade. Ele não se separava, absolutamente, de seus colegas, que formavam, em conjunto, por volta de 1850, um grupo de elite verdadeiramente notável. Todos estavam unidos por laços da mais franca amizade, cada qual com suas capacidades e personalidade distinta quanto ao caráter e às maneiras de proceder. O mesmo espírito animava este grupo familiar, cuja louvável ambição era a glória e a honra da Instituição ainda nascente. A resignação estoica de cada um deles os fez buscar a felicidade de viver sem pensamentos de amargura e lamentação. Todos eram zelosos e devotados a sua missão professoral.

Louis Braille, muito frágil e pálido, tinha saúde bastante delicada (segundo minha lembrança, ele era tísico). Seus traços emaciados eram marcados por uma doce melancolia. Embora pouco falante, adorava se informar sobre tudo o que tivesse relação com fatos da Instituição. Ele tinha cuidado com a boa apresentação e com atitudes sempre corretas. Seu espírito era lúcido e prático. Católico fervoroso, não faltava jamais aos officios... Era com grande atenção que escutava tudo o que se lhe dizia, dando sua opinião apenas ao fim, e sempre judiciosamente, sem palavras inúteis.

Pierre-Armand Dufau

Foi diretor do Instituto de 1840 a 1855. Já era professor da Instituição anteriormente. Fez diversas restrições ao processo criado por Louis Braille e chegou a combatê-lo. À medida que o processo alcançava prestígio e aplicação pelos alunos, se convenceu de suas vantagens, sobretudo pela orientação de Joseph Guadet, chefe de ensino do Instituto.

Dufau, durante uma solenidade de distribuição de prêmios na Instituição, em 17 de agosto de 1852, declarou:

Ela (a morte) nos roubou um de nossos professores, o hábil e excelente Louis Braille, a quem os cegos devem essa descoberta tão simples como fecunda, que é a escrita de pontos em relevo, a qual possibilita realmente todos os seus sucessos. (Texto publicado em *La Vie et L'Oeuvre de Louis Braille*, de Pierre Henri, 1952).

J. Levitte

Foi aluno vidente da Instituição. Atuou profissionalmente como inspetor dos alunos, orientador de estudos e, posteriormente, como supervisor da escola. Realizou trabalhos profícuos, inclusive, na produção de braille. Como supervisor, iniciou a transformação do Instituto em liceu, na década de 1870. Em 1880, caracterizou Louis Braille do seguinte modo:

A fisionomia doce e amena de Braille revelava as amáveis qualidades de que estava dotado; seus conselhos, sempre inspirados por seu raciocínio incisivo, eram muito solicitados; sua fé profunda e viva, sua generosidade de alma o inclinavam ao bem que praticava com simplicidade e delicadeza verdadeiramente cristãs. (*La Vie et L'Oeuvre de Louis Braille*, de Pierre Henri, 1952).

Ainda na obra: *Louis Braille et son Oeuvre*, publicada pela Associação Valentin Haüy, 1917, podem ser destacados os textos aqui traduzidos:

(...) Se sua conversação e correspondência revelam certa melancolia, que provinha de sua saúde debilitada, ele não desprezava bons bate-papos e os jogos de cartas entre professores. Ao ingressar no jogo, simpaticamente dizia: “As casas de jogo são casas de perdição” e, de bom grado, citava esta quadrinha:

“Há três portas neste antro,
a esperança, a infâmia e a morte;
é pela primeira que se entra
e pelas duas outras que se sai.”

Ele gostava sobretudo do jogo de xadrez. Um pintor que o conheceu em Auvergne se comprazia em tê-lo como parceiro.

Pierre Villey

Pierre Villey (1879-1933), doutor em letras, cego, em conferência relativa ao centenário de nascimento de Louis Braille, em 1909, afirmava:

Ele possuía uma notável capacidade de concentração, uma tenacidade na reflexão e um bom senso que o fazia ser procurado por todos que o cercavam. Sua bondade lhe deu a energia necessária para um empreendimento como o seu e sua concentração de espírito lhe permitiu resolver o problema extremamente complicado que ele possuía.



Busto de Louis Braille. Acervo IBC.